

“As Grandes Paixões”, de Guy de Maupassant (1850-1893):

Tradução e Comentário

Ana Luiza Reis BEDÊ¹

RESUMO: O niilismo maupassantiano há muito recebe a atenção da crítica. Vários estudos já analisaram como a influência de Schopenhauer está presente nos diferentes temas que o interessaram como a infância, os camponeses, o meio burguês, a vida aristocrática, a guerra, as cortesãs. Na crônica, que ora traduzimos, lemos uma reflexão cáustica sobre um dos males mais angustiantes do século XIX e ainda de nosso tempo: o tédio.

PALAVRAS-CHAVE: Crônica; tédio; amor.

¹ Pós-doutora em Literatura francesa pela USP e pela Université de Paris IV – Sorbonne lu-libede@uol.com.br

« LES GRANDES PASSIONS » DE GUY DE MAUPASSANT (1850-1893) : TRADUCTION ET COMMENTAIRE

RÉSUMÉ : Le nihilisme maupassantien reçoit l'attention de la critique depuis longtemps. De nombreuses études ont déjà analysé la façon dont l'influence de Schopenhauer se présente dans les thèmes qui l'ont intéressés tels l'enfance, les paysans, le milieu bourgeois, la vie aristocratique, la guerre et les courtisanes. Dans cette chronique, dont la traduction nous proposons, nous lisons une réflexion caustique sur l'un des maux le plus angoissants du XIX^{ème} siècle et aussi de notre temps : l'ennuie.

MOTS-CLÉS : Chronique ; ennui ; amour.

INTRODUÇÃO – GUY DE MAUPASSANT: UM CRONISTA POUCO CONHECIDO

Um dos autores franceses mais conhecidos e admirados fora de seu país, Guy de Maupassant também dedicou parte de sua curta carreira de escritor às crônicas (ver a esse respeito NEVES, 2013, p. 285-300). No entanto, durante muito tempo, o sucesso estrondoso de seus contos e romances deixou à sombra essa parte de sua obra. Para a carreira de jornalista, o autor normando contou com o incentivo de Émile Zola (1840-1902), ao contrário de Gustave Flaubert (1821-1880) que repelia os textos escritos para jornais, julgando essa atividade inútil àqueles que tentavam altos voos como artistas: “Flaubert tinha alertado constantemente seu aluno contra os perigos e as facilidades do jornalismo, segundo ele mortíferas para todo escritor que se respeite”² (RITCHIE, 2007, p. 11). Escrevendo, sobretudo, para os jornais *Gil Blas* e *Le Goulois*, Maupassant abordava as mais diferentes questões. Com efeito, seus textos tratam desde matérias políticas pontuais às questões relacionadas às artes, dos *faits-divers* às críticas aos escritores contemporâneos.

O imenso sucesso do autor junto ao público contribuiu para que alguns críticos o considerassem pouco profundo. Um de seus principais biógrafos reconheceu esse preconceito: “Muitos bons críticos consideraram e consideram ainda Maupassant como um espírito superficial. Não se pode imaginar mal-entendido mais completo. Maupassant é também precursor da psicologia das profundezas”³ (LANOUX, 1979, p. 194). A recepção pouco favorável dos críticos provavelmente decorre também de algumas lendas em torno de seu nome. O discípulo de Flau-

² « Flaubert avait constamment mis en garde son élève contre les dangers et les facilités du journalisme, selon lui mortifères pour tout écrivain que se respecte. »

³ « Beaucoup de bons critiques ont tenu et tiennent encore Maupassant pour un esprit superficiel. On ne peut imaginer malentendu plus total. Maupassant est aussi ce précurseur de la psychologie des profondeurs ».

bert era um incansável galanteador, acumulava aventuras e gabava-se de suas conquistas. Edmond de Goncourt (1822-1896), por seu turno, dizia que o “amigo” não passava de um contador de histórias, não poderia ser considerado um artista verdadeiro.

Nesta crônica, publicada pela primeira vez em 1885, mesmo ano da publicação do romance *Bel-Ami* e dos *Contos do dia e da noite*, identificamos temas recorrentes em sua obra como a caça, a pesca, a guerra de 1870, os vícios e a vida mundana. Em “As grandes paixões”, reconhecemos o fastio de Maupassant, não por acaso, fino leitor de Arthur Schopenhauer (1788-1860). Cumpre esclarecer que o pessimismo schopenhauriano corrói muitos escritores franceses no final do século XIX; no caso de nosso autor, a influência do filósofo alemão provavelmente exacerbou o desencanto diante da vida despertado em sua juventude quando testemunhou muitos dos horrores da guerra franco-prussiana. Nesta crônica, outras angústias vêm à tona: um pouco ao estilo do diálogo filosófico, os interlocutores expõem o grande vazio existencial que os domina.

TRADUÇÃO

AS GRANDES PAIXÕES

- Então, a senhora se entedia?
- Infelizmente, sim, de forma terrível, senhor.
- E isso vem acontecendo há muito tempo?
- Oh, há muito tempo!
- Há um ano?
- Mais ou menos.
- A senhora foi ver Georgette⁴?
- Fui.
- Gostou?
- Oh! Fascinante, fascinante!
- E *Speranza*?
- Vi também *Speranza*. É um balé delicioso.
- A senhora leu *Tartarin nos Alpes*⁵?
- Claro, e no primeiro dia.

⁴ Georgette Leblanc (1869-1941), cantora lírica, irmã do romancista Maurice Leblanc.

⁵ Publicado em 1885, trata-se do segundo dos três romances de Alphonse Daudet narrando as aventuras do anti-herói Tartarin de Tarascon. O Primeiro, *As aventuras prodigiosas de Tartarin de Tarascon* foi publicado em 1872, o terceiro, intitulado *Port-Tarascon* é de 1890. As peripécias de Tarascon e seus amigos fizeram imenso sucesso na França e no exterior, inclusive no Brasil.

– Agradou-lhe?

– Muitíssimo. Primeiro, tinha uma paixão por *Tartarin*. Nada nunca me divertiu tanto como esse livro: é tão engraçado, tão espirituoso, tão irreverente. Apesar da minha admiração pelos outros romances de Daudet, ainda prefiro *Tartarin*, porque chego a chorar de tanto rir todas as vezes que o abro. Veja, jamais se teve tanto espírito. E é tão divertido ver *Tartarin nos Alpes* depois de tê-lo visto no deserto!

– Então a senhora passou uma noite excelente escutando *Georgette*, uma noite excelente vendo *Speranza* e um dia excelente lendo *Tartarin*. E consegue se entediar?

– Sim, muito tédio! O senhor acha então que isso é suficiente para ocupar minha vida, ter algumas horas de lazer de vez em quando?

– Eu, senhora, acho difícilimo não somente obter algumas horas, mas alguns minutos de distração. Ora, sexta-feira a senhora irá a *Sapho*. No dia seguinte lerá o delicioso volume de novelas que Octave Mirbeau⁶ acaba de publicar: *Cartas de minha cabana*⁷ e no dia seguinte ainda *O Alpe homicida*, de Paul Hervieu⁸; e ficará ainda mais interessada quando reencontrar, nesse livro, os Alpes nevados onde *Tartarin* acaba de passear. E em breve terá outros espetáculos e outros livros, e jantares, e saraus, e mil coisas diversas que lhe conduzirão à primavera. E a senhora consegue se entediar?

– Sim, sinto tédio. Acho-o insuportável por não me acreditar.

– Acredito, minha cara amiga, apenas engana-se de palavra; não deveria dizer: sinto tédio, mas: não amo ninguém. Para vocês mulheres, tudo se limita ao amor. Amar ou não amar, eis o que importa. Quando vocês amam, a terra torna-se o paraíso terrestre, a vida um encanto; e quando vocês não amam, o universo e a vida tornam-se um inferno.

– É verdade!

– Claro que é verdade! E vocês consideram o amor como a maior, a mais bela, a mais generosa, a mais profunda, a mais poderosa das paixões.

– Sim, concordo.

– Porém, minha cara amiga, o amor, na verdade, é a mais mesquinha, a mais fraca, a mais ligeira e a menos durável das fantasias que arrebatam o coração humano.

– Meu Deus, como o senhor é tolo!

– É possível! Tolo, mas correto. Raciocinemos. Conhece-se a força de uma locomotiva pelo número de vagões carregados que ela pode puxar, não é? Da mesma forma podemos medir a força de uma paixão pelos feitos que o homem realizou

⁶ Octave Mirbeau (1848-1917), escritor, jornalista e crítico de arte francês. Por meio de seu humor corrosivo, atacou impiedosamente os privilégios da alta burguesia. Lutou pela justiça social engajando-se em todas grandes batalhas de seu tempo.

⁷ Livro de contos publicado em 1886.

⁸ Paul-Ernest Hervieu (1857-1915). Advogado, romancista e dramaturgo francês. Durante o affaire Dreyfus, aliou-se aos defensores do oficial.

por ela. Afirmo que, sob todos os aspectos, o amor é inferior às outras paixões. Para começar, a qualidade principal de uma paixão é a duração. Ora, o amor é essencialmente limitado. Quantos casos podemos citar em que ele durou uma vida inteira? O amor muda seu alvo várias vezes ao longo de uma existência e para definitivamente quando os cabelos embranquecem. Trata-se, antes, de um apetite do que de amor, um apetite que varia segundo as idades e que incide sobre várias pessoas. Ora, minha cara amiga, seria fácil provar que o jogo arruinou mais homens que o amor, e que o álcool matou mais gente. Então, as cartas e a embriaguez são duas paixões superiores. De fato, não podemos fazer nada de mais forte, para provar uma obsessão, que dar seu dinheiro e sua vida: as duas coisas mais preciosas que temos. Ora, se a estatística prova que o homem se arruína de forma mais natural e com mais facilidade pelo bacará⁹ do que por uma bela mulher, que ele resiste menos às cartas do que aos belos olhos, que ele é atraído mais irresistivelmente pelos carteados do que pelas alcovas, que ele deixa com mais paixão seus últimos centavos sobre uma mesa verde do que sobre as mãos delicadas de uma mulher, a dúvida não nos é mais possível. Aqueles que se arruínam por mulheres são raros hoje em dia, enquanto aqueles que se arruínam pelo jogo são numerosos. Quanto aos que se matam pelo amor ou por amor, não vemos mais. Aqueles que se matam pelo álcool são inúmeros. A senhora se surpreende, não é, minha cara amiga, que dois braços abertos não tenham tanto atrativo quanto um copinho de cachaça? Mas reconhecerá também que dois braços fechados são um instrumento de morte tão rápido e tão certo, quando a gente se entrega completamente, como um líquido amarelo ou verde¹⁰ bebido em excesso? Ora, a partir do momento em que se morre mais de garrafa do que do beijo, o que concluir?

– O senhor é um grande estúpido! Não se pode nem mesmo responder a tais bobagens!

– Vou mais longe. Afirmo que estas três paixões: o álcool, o jogo e o amor, consideradas temíveis porque são perigosas e provocam catástrofes, são bem menos vivas na realidade, bem menos potentes e bem menos intensas que a pesca, a caça e o bilhar!

– Cale-se. O senhor irrita-me.

– Oh! Eu compreendo-a. O coração da mulher exalta-se pelas paixões poéticas, aceita as paixões dramáticas e indigna-se com paixões inofensivas e burguesas, as mais tenazes, as mais vivas, as mais absorventes de todas.

“Minha cara amiga, este homem calmo, com um chapéu de palha e sentado à beira de um rio, no qual ele mergulha uma rolha na ponta de uma linha, é o mais ardente dos apaixonados. Nada cessará seu invencível amor, nada! Quando Paris ardia em chamas, incendiada pela Comuna¹¹, quando o canhão fazia tremer as pa-

⁹ Jogo de cartas praticado com apostas.

¹⁰ Referência ao absinto, conhecido também como “fada verde”.

¹¹ Como consequência da guerra franco-prussiana que levou a uma derrota vergonhosa para a França, insurgentes formam um governo paralelo que durou 72 dias: trata-se da Comuna de Paris.

redes, quando as balas voavam pelas ruas como moscas, quando os corpos baleados serviam de asfalto às ruas, quando dos córregos corria sangue em vez de água, contaram-se quarenta e sete homens, quarenta e sete sábios ou quarenta e sete loucos, sentados tranquilamente ao longo das margens do Sena¹², desde a Ponte du Jour até as Tulherias desabadas sob as chamas. Que lhes importava Paris em fogo, a Comuna vencida, a Pátria sangrenta, a guerra civil após a invasão prussiana, a estes homens que só tinham atenção para seus ‘flutuadores de cortiça’?”¹³

“A morte os ameaçava de todos os lados. As balas disparavam sobre suas cabeças, e seus corações batiam de esperança quando um peixe mordida a isca.

“Eu poderia citar cem exemplos tão evidentes quanto esses.

“A caça! Qual é o homem que faria por uma mulher ou mulheres, durante toda sua vida, o que um caçador faz por sua caça?

“Pense nas viagens em charrete, nas noites frias, para ir matar alguns coelhos, outras noites passadas nos pântanos, sob uma cabana de palha, nas chuvas que caem durante estações inteiras, nas prodigiosas fadigas, nas más refeições das fazendas, nas caminhadas intermináveis.

“Existe algum apaixonado que suportaria isso por sua amante? Existe um jogador que afrontaria cansaços e privações para um encontro num banco no fundo de um bosque? Existe um bêbado que faria vinte léguas sob a geada para beber um copo de fino champanhe, como faz um caçador para atingir uma galinhola?”

– Então? Então? Então?

– Quanto ao bilhar? Oh, o bilhar! O homem apaixonado pelo bilhar só vê a vida, a política, a arte, a guerra, o amor sob a forma de três bolas de marfim, correndo uma atrás da outra, num campo de feltro verde. Ele divide a humanidade, não em homens e mulheres, em militares e civis, em aristocratas e democratas, mas em seres que jogam ou que não jogam bilhar. Vignaux¹⁴ é o seu papa, seu papa majestoso, misterioso, todo-poderoso, sobre-humano! Quando bebe, quando come, quando anda, quando se repousa, quando tosse, quando assoa, quando ri, quando chora, quando cospe, quando se veste ou se despe, ele só pensa no bilhar, e vê sem cessar, em tudo, as duas bolas brancas e a bola vermelha vagabundeando sob o empurrão de um taco pontudo, jogando uma eterna partida que só acabará no julgamento final!

“Esse homem acorda e vai ao boteco, passa o dia inteiro ao redor do móvel quadrado que contém e limita todos os seus desejos e todas as suas esperanças, só para na hora obscura em que o garçom lhe manda embora, apagando o último bico de gás. Oh! Eis uma paixão minha cara amiga!”

– Meu caro, o senhor vai forçar-me a lhe expulsar!

– Não, não precisará chegar a este ponto. Vou embora. Mas...escute-me. A senhora crê na Providência, certo?

¹² O Sena era uma das paixões de Maupassant. Nessa passagem, percebemos uma alusão ao seu conto “Dois amigos” (1883).

¹³ Referência à isca nos anzóis.

¹⁴ Maurice Vignaux (1846-1916), campeão francês de bilhar.

- É claro!
- Bem, vou rogar à Providência que lhe envie o que pede, o amor! O amor de um homem. Mas de sua parte, minha cara amiga, rogue a Deus, seu Deus, de conceder-me uma graça, uma graça infinita.
- Qual?
- Não advinha? Explico-lhe. Eu me entedio tanto quanto a senhora, e mesmo mais, muito mais! Bem, suplique ao céu que coloque no meu coração, no meu pobre coração vazio e sem esperança, o amor... o amor pela pesca ou pelo bilhar! É a única graça que peço a Deus.

TEXTO ORIGINAL

LES GRANDES PASSIONS

- Donc, madame, vous vous ennuyez ?
- Hélas oui, monsieur, affreusement !
- Et cela dure depuis longtemps ?
- Oh oui !
- Depuis un an ?
- Oui, à peu près.
- Vous avez été voir *Georgette* ?
- Oui.
- Est-ce bon ?
- Oh ! charmant, tout à fait charmant !
- Et *Speranza* ?
- J'ai vu également *Speranza*. C'est un délicieux ballet.
- Avez-vous lu *Tartarin dans les Alpes* ?
- Certainement, et le premier jour.
- Cela vous a plu ?
- Infiniment. Moi, d'abord, j'avais une passion pour *Tartarin*. Rien ne m'a jamais amusée autant que ce livre-là : c'est si drôle, si spirituel, si cocasse. Malgré toute l'admiration que j'ai pour les autres romans de Daudet, je préfère encore *Tartarin*, parce qu'il me fait rire aux larmes toutes les fois que je l'ouvre. Non, voyez-vous, jamais on n'a eu tant d'esprit. Et c'est si amusant de voir *Tartarin dans les Alpes* après l'avoir vu dans le désert !
- Donc, madame, vous avez passé un soir excellent en écoutant *Georgette*, un soir excellent en regardant *Speranza*, et un jour excellent en lisant *Tartarin*. Et vous prétendez vous ennuyer ?
- Mais oui, je m'ennuie ! Vous croyez donc que cela suffit pour occuper ma vie, d'avoir quelques heures d'agrément de temps en temps.

– Moi, madame, je trouve qu’il est fort rare d’obtenir non pas quelques heures, mais quelques minutes de distraction. Or, vendredi vous irez à *Sapho*. Vous lirez le lendemain le délicieux volume de nouvelles qu’Octave Mirbeau vient de publier : *Lettres de ma Chaumière*, et le lendemain encore *L’Alpe homicide* de Paul Hervieu ; et cela vous intéressera d’autant plus que vous retrouverez dans ce livre remarquable, ces Alpes neigeuses où vient de se promener Tartarin. Et puis vous aurez d’autres spectacles et d’autres livres, et des dîners en ville, et des soirées, et mille choses diverses qui vous conduiront au printemps. Et vous prétendez vous ennuyer ?

– Mais oui, je m’ennuie. Vous êtes insupportable de ne pas me croire.

– Je vous crois, ma chère amie, seulement vous vous trompez de mot ; vous ne devriez pas dire : je m’ennuie, mais : je n’aime pas. Pour vous, tout se borne à l’amour. Aimer ou ne pas aimer, tout est là. Quand vous aimez, la terre devient un paradis terrestre, la vie un enchantement ; et quand vous n’aimez pas, l’univers et la vie redeviennent un enfer.

– C’est vrai, cela !

– Parbleu, si c’est vrai ! Et vous considérez l’amour comme la plus grande, la plus belle, la plus généreuse, la plus profonde, la plus puissante des passions.

– Mais oui. Certainement.

– Eh bien, ma chère amie, l’amour, en vérité, est la plus mesquine, la plus faible, la plus légère et la moins durable des fantaisies qui entraînent le cœur humain.

– Mon Dieu, que vous êtes bête !

– C’est possible ! Bête, mais juste. Raisonçons. On connaît la force d’une locomotive au nombre de wagons chargés qu’elle peut traîner, n’est-ce pas ? Et de même on peut mesurer la force d’une passion aux choses qu’elle peut faire accomplir à l’homme. Je dis que sous tous les rapports l’amour est inférieur aux autres passions.

D’abord la qualité première d’une passion est la durée. Or, l’amour est essentiellement limité. Combien pourrait-on citer de cas où il ait persisté pendant une vie entière ? Il change de sujets plusieurs fois dans le cours d’une existence et s’arrête définitivement dès que les cheveux sont devenus blancs. C’est donc plutôt un appétit qu’une passion, un appétit qui varie suivant les âges et qui se porte sur plusieurs personnes.

Or, ma chère amie, il me serait facile de prouver que le jeu a ruiné plus d’hommes que l’amour, et que l’alcool en a tué davantage. Donc, les cartes et l’ivrognerie sont deux passions supérieures.

En effet, on ne peut rien faire de plus énergique, pour prouver un entraînement, que de donner son argent et sa vie, les deux choses les plus précieuses qui soient.

Or, si la statistique nous prouve que l’homme se ruine plus volontiers, plus facilement pour le baccara que pour une jolie fille, qu’il résiste moins aux cartes

qu'aux beaux yeux, qu'il est attiré plus irrésistiblement par les tripots que par les alcôves, et qu'il laisse plus passionnément ses derniers sous sur une table verte que dans les mains roses d'une femme, le doute ne nous est plus possible.

Ceux qui se ruinent pour des femmes sont rares, bien rares, aujourd'hui, tandis que ceux qui se ruinent par le jeu sont nombreux.

Quant à ceux qui se tuent par amour ou pour l'amour, on n'en voit guère. Ceux qui se tuent par l'alcool sont innombrables. Vous vous étonnerez, n'est-ce pas, ma chère amie, que deux bras ouverts n'aient pas autant d'attrait qu'un petit verre plein d'eau-de-vie ? Mais vous avouerez aussi que deux bras fermés sont un instrument de mort aussi prompt et aussi sûr, quand on s'y abandonne complètement, qu'un liquide jaune ou vert bu avec excès ? Or, du moment qu'on meurt davantage de la bouteille que du baiser... que conclure ?...

– Vous êtes tout à fait stupide ! On ne peut même pas répondre à de pareilles sottises.

– Je vais plus loin. Je dis que ces trois passions : l'alcool, le jeu et l'amour, réputées redoutables parce qu'elles sont dangereuses et qu'elles mènent à des catastrophes, sont bien moins vives en réalité, bien moins puissantes et bien moins intenses que la pêche à la ligne, la chasse et le billard !

– Taisez-vous. Vous m'exaspérez.

– Oh ! je vous comprends. Votre cœur de femme s'exalte pour les passions poétiques, accepte les passions dramatiques et s'indigne des passions inoffensives et bourgeoises, les plus tenaces, les plus vivaces, les plus absorbantes de toutes.

Ma chère amie, cet homme calme, coiffé d'un chapeau de paille et assis au bord de l'eau où il fait tremper un bouchon au bout d'un fil, est le plus ardent des passionnés. Rien n'arrêtera son invincible amour, rien ! Le jour où Paris flambait incendié par la Commune, alors que le canon faisait trembler les murs, que les balles volaient par les rues comme des mouches, que les corps troués servaient de pavés aux rues, que les ruisseaux roulaient du sang au lieu d'eau, on compta quarante-sept hommes, quarante-sept sages ou quarante-sept fous, assis paisiblement le long des berges de la Seine, depuis le Point-du-Jour jusqu'aux Tuileries écroulées sous les flammes. Que leur importait Paris en feu, la Commune vaincue, la Patrie sanglante, la guerre civile après l'invasion prussienne, à ces hommes qui n'avaient d'attention que pour leur flotteur de liège ?

La mort les menaçait de tous les côtés. Les balles sifflaient sur leurs têtes, et leur cœur battait d'espérance quand un goujon mordillait l'asticot !

Je pourrais citer cent exemples aussi frappants.

La chasse ! Quel est l'homme qui ferait pour une femme ou des femmes, durant toute sa vie, ce qu'un chasseur fait pour la chasse ?

Songez aux voyages en carriole, par les nuits froides, pour aller tuer quelques lapins, aux autres nuits passées dans les marais, sous une hutte de paille ou de glace, aux pluies battantes reçues pendant des saisons entières, aux prodigieuses fatigues, aux mauvais repas des fermes, aux marches interminables.

Est-il un amoureux qui supporterait cela pour sa maîtresse ? Est-il un joueur qui affronterait ces fatigues et ces privations pour aller tenir une banque au fond d'un bois ? Est-il un ivrogne qui ferait vingt lieues sous la grêle pour boire un verre de fine champagne, comme le fait un chasseur pour tirer une bécasse ?

– Alors ? Alors ? Alors ?

– Quant au billard ? Oh, le billard ?

L'homme pris par le billard ne voit plus la vie, la politique, l'art, la guerre, l'amour, que sous forme de trois billes d'ivoire, courant l'une après l'autre, dans un champ de drap vert ! Il divise l'humanité, non pas en hommes et en femmes, en militaires et en civils, en aristocrates et en démocrates, mais en êtres qui jouent ou qui ne jouent pas au billard. Vignaux est son pape, son pape majestueux, mystérieux, tout-puissant, surhumain ! Quand il boit, quand il mange, quand il marche, quand il se repose, quand il tousse, quand il se mouche, quand il rit, quand il pleure, quand il crache, quand il s'habille ou se déshabille, il ne pense qu'au billard, et il voit sans cesse, partout, les deux billes blanches et la bille rouge vagabondant sous la poussée d'une queue pointue, jouant une éternelle partie qui ne finira qu'au Jugement dernier !

Il se lève, cet homme, pour aller à son estaminet, il y passe sa journée entière autour du meuble carré qui contient et limite tous ses désirs et toutes ses espérances, et il ne part qu'à l'heure obscure où le garçon le met dehors, en éteignant le dernier bec de gaz. Oh ! voilà une passion, ma chère amie !

– Mon cher, vous allez me forcer à vous mettre à la porte !

– Non, madame, je ne vous réduirai point à cette extrémité. Je m'en vais. Mais... écoutez. Vous croyez à la Providence, n'est-ce pas ?

– Certainement !

– Eh bien, je vais prier la Providence de vous envoyer ce que vous demandez, l'amour ! l'amour d'un homme. Mais de votre côté, ma chère amie, priez Dieu, votre Dieu, de m'accorder une grâce, une grâce infinie.

– Laquelle ?

– Vous ne devinez pas ? Voici. Je m'ennuie autant que vous, madame, et même plus, beaucoup plus ! Eh bien, suppliez le ciel de mettre en mon cœur, en mon pauvre cœur vide et sans espoir, l'amour... l'amour de la pêche à la ligne ou du billard ! C'est la seule grâce que je lui demande.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NEVES, Angela das. « Guy de Maupassant, cronista de costumes e da vida literária. » In *Lettres françaises*. Revista da área de língua e literatura francesa. Araraquara, gráfica da UNESP, n. 14 (2) 2013, p. 285-300.

LANOUX, Armand. *Maupassant le Bel-Ami*. Paris: Les Cahiers Rouges, 1979.

MAUPASSANT, Guy. « Les grandes passions ». Texto publicado em *Tout-Paris* du 17 décembre 1885. Redescoberto por Gérard Pouchain e publicado no *Magazine Littéraire* n° 326 de novembro 1994.

RITCHIE, Adrian. “Maupassant en 1881 ; entre le conte et la chronique”. In *Guy de Maupassant*. Estudos reunidos por Noëlle Benhamou com documentos inéditos. Amsterdam/ New Youk : Rodopi, 2007. Cahiers des recherches des instituts néerlandais de langue et de littérature françaises, p.11-20.